

PAULO ALCOFORADO

DOXÓGRAFOS GREGOS*

PAULO ALCOFORADO

*Departamento de Filosofia
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Lógica e Teoria da Ciência*

Um tópico de grande interesse para a reconstrução histórica da filosofia e ciência gregas é saber quando começa, como evolui e se difunde, na antiguidade gregas, a história da filosofia e da ciência. Importa também determinar os métodos utilizados e os objetivos a que visam os antigos historiadores dessas disciplinas. Com efeito, um estudo dessa natureza leva inevitavelmente a entender, de modo mais aprofundado, a origem, os objetivos e o valor das fontes gregas (como, Diógenes Laércio ou Sexto Empírico) e latinas (como, Cícero e outros mais) com as quais se reconstrói a história da filosofia e da ciência. Para se ter uma idéia da importância da doxografia para a reconstrução do pensamento antigo, basta dizer que todo o nosso conhecimento dos pré-socráticos se deriva basicamente das duas seguintes fontes: das observações de Aristóteles que se encontram no primeiro livro da *Metafísica*, e da literatura doxográfica, da qual avulta as *Vidas* de Diógenes Laércio. Discutir e elucidar tais questões é o que objetiva aqui o estudo da doxografia e dos doxógrafos gregos, tema aliás muito pouco estudado de modo geral e, entre nós, praticamente desconhecido.

De fato, uma das mais importantes fontes históricas para a reconstituição do pensamento grego são os doxógrafos – palavra proveniente de *dóxa*, que quer dizer “opinião”, “tese” ou “teoria”¹ – Em seu sentido etimológico, ‘doxografia’ significa basicamente o mesmo que compilação de opiniões ou teorias de outros autores; e ‘doxógrafo’ era a designação que se aplicava àqueles que transcreviam ou escreviam

* O presente trabalho é parte de uma série de estudos sobre lógica grega desenvolvidos na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e realizados com o apoio do Instituto de Lógica, Filosofia e Teoria da Ciência (ILTC). Ficam aqui consignados nossos sinceros agradecimentos a ambas as instituições. Este estudo é dedicado ao Prof. Cláudio Ulpiano, amigo de longa data.

¹ Em grego, além da palavra *dóxai*, que sem dúvida é a mais difundida, também é utilizada a palavra *tà aréskonta*, que significa “os preceitos”. Em latim, o termo empregado é *placita*.

sobre as opiniões e teorias dos filósofos. Em seu sentido técnico usual, ‘doxografia’ quer dizer o mesmo que história da filosofia ou da ciência; e ‘doxógrafo’, portanto, significa o mesmo que historiador da filosofia ou da ciência. Mas a palavra ‘doxografia’ encerra um matiz que lhe é peculiar, isto é, trata-se da história da filosofia ou ciência gregas ou latinas escrita não por um autor atual, mas por um antigo historiador grego ou latino. No presente contexto, portanto, ‘doxografia’ significa basicamente o mesmo que história da filosofia (ou da ciência) grega escrita por um autor grego antigo; e ‘doxógrafo’ é a designação que se dá àqueles antigos autores gregos que realizavam compilações de natureza doxográfica.

A fim de desenvolver esse tema – isto é, como os gregos antigos escreveram a história de sua filosofia e de sua ciência –, importa de antemão deixar claro que Teofrasto de Eresos, o fundador dessas duas disciplinas, teve em Platão e Aristóteles dois ilustres precursores. Estes, porém, não tiveram igual peso e importância na tarefa de reconstruir o pensamento grego. Aristóteles é, de longe, mais significativo que Platão, mas mesmo assim não chegou a ser o criador da antiga história da filosofia grega, isto é, da doxografia.

Com efeito, pode-se sustentar que a doxografia recua, por assim dizer, a Platão. Inequivocamente, nosso conhecimento de Sócrates depende essencialmente de Platão. Em uma famosa passagem do *Fédon*, Platão nos faz uma síntese interessante do estado do conhecimento científico em Atenas em meados do quinto século A. C. (cf. *Fédon*, 96a). Mas Platão só excepcionalmente se manifesta sobre as teorias filosóficas e científicas de seus predecessores e, quando o faz, não raras vezes é displicente quando se propõe a citar algum autor, misturando citação com paráfrase, e só raramente é objetivo e imparcial quando se põe a avaliar as doutrinas de seus predecessores.

O precursor próximo desse tipo de literatura é, no entanto, Aristóteles, que costumava resumir, quando se punha a examinar uma dada questão de ordem filosófica ou científica, as teorias de seus predecessores e assim preparar, por sua análise crítica, o surgimento de suas próprias concepções. Neste sentido, Aristóteles é bem mais informativo que Platão. De certo modo, pode-se dizer que Aristóteles foi o primeiro a escrever uma monografia sobre história da filosofia (cf. *Metafísica*, Livro I) e muitos de seus livros científicos encerram importantes informações para a história da ciência grega. Mas, em não raras ocasiões, seu envolvimento com suas próprias teorias e seus objetivos metodológicos desvirtuavam sua isenção e objetividade.

Em resumo, pode-se dizer que a doxografia teve em Platão e Aristóteles seus precursores, em Teofrasto seu criador e após uma longa e complicada história multissécular se encerra com as contribuições de Simplício, Temístio, Proclo e Boécio, isto é, em pleno século sexto de nossa era.

II. Reiterando o que dissemos, a doxografia propriamente dita foi uma criação de Teofrasto (c.370 - c.288/7) e, assim sendo, toda informação doxográfica é a transcrição de opiniões ou teorias que a ele remonta, direta ou indiretamente. Com efeito, não foi Aristóteles, mas seu discípulo Teofrasto quem pela primeira vez escreveu uma monografia especializada em expor as doutrinas dos filósofos que o precederam, especificamente de Tales e Platão². Assim procedendo, ele se integra no programa enciclopédico de ensino e pesquisa delineado por Aristóteles e seguido por vários peripatéticos. De fato, Mênon escreveu uma história da medicina da qual algumas passagens nos chegaram através de um papiro egípcio. Eudemo de Rodas escreveu uma história da aritmética e da geometria, outra da astronomia e talvez outra da teologia. Aristóxeno de Tarento escreveu uma história da música da qual possuímos algumas passagens. Dicáiarcos de Messênia escreveu uma história da geografia e outra da Grécia. Neste sentido, em torno do ano 300 A.C., Teofrasto vem a escrever seu livro sobre a história das ciências da natureza, hoje extraviado, intitulado *Das Opiniões dos Físicos* (*Physikon dóxai*), em dezesseis livros (cf. D.L., V, 48), que é o ponto de partida da tradição doxográfica. Por tal razão, diz-se que a doxografia começa com Teofrasto³.

² Do que se depreende dos catálogos de Teofrasto que se encontram em Diógenes Laércio, pode-se também conjecturar que, no mundo antigo, a exposição histórica de Teofrasto foi conhecida sob duas versões ou recensões diferentes: uma, *Das Opiniões dos Físicos*, em 16 livros, e a outra, *Sobre os Físicos*, em 18 livros (cf. D.L., V, 48 e 46). Também é pensável que a diferença quanto ao número de livros entre essas duas recensões advenha do fato de o autor do catálogo dos livros de Teofrasto ter integrado no *Sobre os Físicos* (V, 46) uma *Epítome* em 2 volumes (cf. P. Tannery, *Pour l'Histoire de la Science Hellène*, 2a. ed., Paris, Gauthier-Villars, 1930. p.19-20).

³ Na atualidade, a obra básica da doxografia é inequivocamente o livro de Hermann Diels que ostenta o seguinte título: *Doxographi Graeci collegit recensuit prolegomenis indicibusque instruxit Hermannus Diels*, Berolini, 1879; reeditado em 1929. Nesta obra, Diels revolucionou o estudo das fontes posteriores do pensamento grego. Os *Doxógrafos Gregos* de Diels reúnem todos os textos da literatura doxográfica, que versam, aliás, sobre os mais distintos temas e assuntos, indo das ciências naturais à lógica, passando pela filosofia e mesmo pelas artes divinatórias. Todos, porém, têm em comum o fato de serem derivados, pelas mais distintas vias, das *Opiniões dos Físicos* de Teofrasto. Por tal razão é interessante detalhar seu conteúdo, através de uma rápida transcrição de seu sumário. Além de uma longa introdução, esta obra encerra os seguintes livros e fragmentos:

1. Os *Placita* de Aécio (p. 267-444).
2. Os fragmentos da *Epítome* de Arios Dídimos (p. 445-472).
3. Os fragmentos da *Das Opiniões dos Físicos* de Teofrasto (p. 473-495).

Pode-se especular sobre o que levou Teofrasto a se interessar por história da filosofia e da ciência. Ao que tudo indica, foi Aristóteles quem, pela primeira vez, chamou sua atenção para este tópico, mostrando sua importância e interesse para o pensamento teórico de modo geral. Por outro lado, é pensável que as lacunas, limitações e insuficiências do tratamento aristotélico no que concerne à reconstrução histórica o teriam levado a escrever uma obra especializada e abrangente que abordasse tematicamente todos os grandes assuntos do pensamento filosófico e científico. Ao que parece, além dessa alentada obra, Teofrasto também escreveu pequenas monografias, mais ou menos especializadas, sobre diversos assuntos de índole doxográfica. Mas não se sabe se elas tiveram alguma relevância para as posteriores reconstruções do pensamento grego.

Os *Dóxai* cedo se extraviaram e, desse modo, deles só conhecemos dois resumos. Com efeito, a obra original de Teofrasto foi, mais tarde, resumida ou epitomizada em dois livros.⁴ Do primeiro, que se intitula *Sobre os Princípios Materiais*, conservam-se extratos no comentário de Simplício (século VI) à *Física* I de Aristóteles, que foram, ao que parece, tirados, pelo menos parcialmente, de Alexandre de Afrodísias (fl. c. 200 D.C.). O segundo, *Sobre as Sensações* (*Peri aistheseon*), foi em sua maior parte preservado (Diels, *Dox.*, p. 499-527). No mundo de cultura grega, a obra de Teofrasto se tornou a grande fonte para o estudo do pensamento pré-socrático e para a elaboração de outras coleções de opiniões, vindo assim a se converter em um livro padrão e de autoridade incontestada.

Ao que se depreende dos *Princípios* e das *Sensações*, Teofrasto assumiu em sua compilação o método de expor segundo um tema ou conteúdo. Tal como o faz Aristóteles, os autores são mencionados em função do assunto, vale dizer, fixado um conteúdo, arrolam-se as opiniões de todos os autores que estudaram este assunto ou

4. O fragmento *Sobre as Sensações* de Teofrasto (p. 497-527)

5. Passagens de Cícero (*De natura deorum*) e Filodemo (*De pietate*), grupadas e confrontadas sob o título de *Philosophorum de Deis opiniones comparatae* (pp. 529-550).

6. Os *Philosophoúmena* (primeiro livro da *Refutação de Todas as Heresias*) de Hipólito, início do II século D.C. (p. 551-576).

7. A passagem da *Preparação Evangélica* que Eusébio diz ter tomado de Plutarco (p. 577-583).

8. Diversas passagens de *Contra as Seitas* de Epifânio (p. 585-593).

9. A *História Filosófica* de Pseudo-Galeno derivada dos *Placita* de Pseudo-Plutarco (p. 595-648).

10. O *De Gentilium Philosophorum Irrisione* de Hérmiás (p. 649-656).

⁴ Segundo certos autores, porém, esses dois livros seriam não resumos ou epítomes, mas capítulos dos *Dóxai* (cf. J. Burnet, *Early Greek Philosophy*, 1892; ed. 1958, p.33). De certo modo, tal é também a opinião de H. Shapiro, para quem essas duas obras são fragmentos do livro original de Teofrasto (cf. A.E. Taylor, *Aristotle on His Predecessors*, Open Court, 1906; 2a. ed., La Salle, Open Court, 1969, p. VII). Dada a incerteza que paira sobre este tópico, tal discussão é, a nosso ver, sem maior relevância.

conteúdo. Este método, portanto, desconhece por completo o estudo da história da filosofia segundo uma orientação cronológica ou pelo agrupamento dos filósofos por escolas. Esta tradição, ao que parece, encontra-se na base do método de estudo da filosofia que, mais tarde, será muito difundido ao se estudar por temas ou problemas⁵.

Fora dos círculos peripatéticos, a obra de Teofrasto não teve, ao que parece, grande difusão e repercussão. Ela foi, no entanto, a base que compiladores e epitomizadores, que cedo surgiram, utilizaram para redigir suas monografias e manuais. Sua importância foi decisiva, tanto para os que seguiram fielmente sua orientação metodológica de expor as opiniões segundo um tema ou assunto, quanto para aqueles que seguiram a orientação biográfica e “sucessiva”, pois nela encontraram, embora de forma dispersa, o material de que necessitavam⁶.

III. Nesta linha doxográfica, em sentido estrito, encontra-se inserida uma compilação, hoje desaparecida, que recebeu de H. Diels o título de *Vetusta Placita* e da qual encontramos vestígios em Cícero e na obra *De die natali* de Censorino, gramático romano do III século D.C.⁷ Os *Vetusta* foram redigidos, ao que parece, na escola estóica de Posidônio por um de seus alunos, no primeiro século A.C. Eles encerravam doutrinas e opiniões não só de filósofos pré-teofrásticos, como também de peripatéticos, estóicos e epicuristas. A importância dessa obra é imensa, já que não foram os escritos doxográficos de Teofrasto que diretamente orientaram os autores posteriores em suas reconstruções históricas, mas os *Vetusta*.

⁵ Nos *Princípios*, este sistema nem sempre é rigidamente observado, já que neles aparecem pequenas notas históricas e cronológicas e a ordem da disposição da matéria tem por base a sucessão das escolas. Isto, porém, nunca ocorre com as *Sensações*.

⁶ Ao que se constata, os antigos historiadores da filosofia grega seguiam, em sua narração, uma das seguintes vertentes expositivas: i) temática (ou doutrinária) - onde se expõem e discutem assuntos ou temas; ii) biográfica (ou por nomes de autor) - onde as idéias são discutidas em função de seu autor; iii) “sucessiva” (ou por escola) - em que as teorias filosóficas são expostas e analisadas segundo escolas, correntes ou seitas; e finalmente, iv) cronológica (por ordem temporal) - onde o tempo é o princípio ordenador. Não infreqüentemente, os historiadores antigos seguem uma mistura, mais ou menos equilibrada, de dois desses estilos ou vertentes. Finalmente, importa não esquecer que a vertente temática foi criada por Aristóteles e aprofundada por Teofrasto; a narrativa biográfica, ao que se sabe, é criação de Dicáircos; mas, quanto à abordagem “sucessiva”, esta é devida, ao que parece, a Sotíon de Alexandria (II século A.C.).

⁷ Na medida em que relata doutrinas de antigos filósofos gregos, Cícero pode ser considerado um doxógrafo, já que transcreve excertos que, de modo mais ou menos remoto, se derivam da obra de Teofrasto. No que diz respeito a este aspecto, duas de suas obras merecem ser mencionadas: *Academica* II (i.é, *Lucullus*, 118) e *De natura deorum*, I, 25-41.

De fato, com o passar do tempo, tornou-se cada vez mais necessário um livro que completasse e atualizasse os *Dóxai* de Teofrasto; uma obra que assimilasse as mais recentes discussões no âmbito das teorias filosóficas e científicas. A isso se propunha, ao que parece, os *Vetusta Placita*, que seriam um prolongamento e atualização do livro de Teofrasto. Ocorre que seu autor, não se encontrando à altura de tal empreendimento, não percebeu os objetivos e as dificuldades técnicas inerentes a uma obra dessa envergadura. Desse modo, em lugar de um tratado de história, temos uma mera compilação de informações passadas⁸.

Com efeito, sua obra se apresenta como uma mera aproximação de opiniões díspares que se conflitavam em torno de um tema ou assunto. Mas, ao radicalizar as oposições e aprofundar os contrastes, sem contudo exibir o fundo comum a todos esses posicionamentos, ele criou as condições para se anular ou destruir as distintas concepções filosóficas e científicas pelo mero fato de jogar uma contra a outra, sem disso extrair qualquer consequência construtiva. Assim concebida, tal obra só poderia servir à curiosidade do diletante ou enriquecer ainda mais o arsenal do cético. De fato, foi em tal manancial que os cétricos gregos se apoderaram de uma de suas armas mais eficazes e destrutivas quanto à possibilidade de qualquer conhecimento certo. Não obstante seu diminuto valor intrínseco, além dos cétricos, também os primeiros apologistas cristãos se valeram dessa literatura para demolir a cultura grega, de modo geral, e a religião helênica, em particular. Como se vê, seu aspecto destrutivo é, em aparência, inegável.

IV. Os *Vetusta Placita* constituem a base sobre a qual foram realizadas - em torno do ano 100 D.C. - as compilações de Aécio, isto é, os *Placita* de Aécio ou *Aetii Placita*, dos quais nada chegou até nós e de cujo autor nada sabemos, embora pareça que tenha florescido em torno do ano 100 D.C. Com efeito, Teodoreto (c. 445 D.C.) já conhecia os *Placita* de Aécio, já que por vezes ele cita certas passagens deste autor que constam em ambas as obras e nos informa que *Aetíou tèn perì areskonton synagogen*. Neste sentido, Diels é levado a transcrever as passagens dos *Placita* de Pseudo-Plutarco em colunas paralelas com certas passagens das *Éclogas* (= 'Seleções') e assim reconstituir os *Placita* de Aécio, como o núcleo comum a ambas as colunas.

⁸ Diz-nos Diels ser possível, desde que se tome certas precauções, reconstruir com razoável fidelidade o sumário dos *Vetusta*, que por sua vez propicia uma imagem razoavelmente precisa da obra original de Teofrasto (cf. *Dox.*, p. 181 ss).

A obra de Aécio, por sua vez, não se vincula diretamente ao livro de Teofrasto. Há, na verdade, como mostrou Diels, um estudo intermediário, hoje desaparecido, por Diels rotulado de *Vetusta Placita*, que vincula os *Placita* de Aécio aos *Dóxai* de Teofrasto.

V. Os *Placita* de Aécio serviram de fonte comum ou fundamento para duas compilações da maior importância que chegaram até nós, vale dizer, os *Placita* de Ps.-Plutarco e as *Éclogas* de João Estobeu (ou João de Estobe). Mas, nem os *Placita* de Ps.-Plutarco, nem a doxografia das *Éclogas* de Estobeu influenciaram um ao outro. Como se sabe, as *Éclogas* são mais completas que os *Placita*. Mas os *Placita* são mais antigos (cf. Diels, *Dox.*, p. 4 ss). Com efeito, a comparação entre as *Éclogas* e os *Placita* mostra que essas duas obras se derivam de uma fonte comum, embora o texto de Estobeu seja, na maior parte das vezes, mais completo e desenvolvido que o de Ps.-Plutarco. Isto evidencia que esses autores, por vezes, copiaram e, por vezes, resumiram essa fonte comum. Cabe aqui nos determos ligeiramente na análise dessas duas obras.

Uma, é a *Epítome* ou *Placita Philosophorum* falsamente atribuída a Plutarco e, por tal razão, sua autoria é, hoje, dita de Pseudo-Plutarco. Esta obra deve ter sido redigida em torno do ano 150 D.C. Uma segunda compilação de opiniões que também depende dos *Placita* de Aécio são as *Eclogae Physicae et Ethicae* ou, simplesmente, *Éclogas* de João Estobeu, que devem ter sido escritas aproximadamente no ano 400 D.C. Esta obra e o *Florilégio*, também de Estobeu, constituem originalmente um único livro que encerrava muito material em comum com os *Placita* de Aécio e, por tal razão, pode-se dizer que dependem dos *Placita*.

As primeiras etapas da doxografia propriamente dita podem ser assim esquematizadas:

Teofrasto

Ps.-Plutarco, *Placita*

Vetusta

Aécio

Estobeu, *Éclogas*

Dos *Placita Philosophorum* de Ps.-Plutarco dependem a *História Filosófica* (*Philosóphou Historías*) erroneamente atribuída a Galeno - e por isso dita da autoria

de Ps.-Galeno⁹– e ainda *De Gentilium Philosophorum Irrisio* de Hérmiás, obra que apresenta, em tom jocoso, a polêmica cristã dirigida contra a filosofia grega e deve ter sido escrita depois do século quinto ou mesmo mais tarde (cf. H. Diels, *Dox.*, p. 649-656). Os *Placita* de Ps.-Plutarco gozaram de grande prestígio e evidência não só no mundo antigo, como também na Idade Média. Foram traduzidos para o árabe e os sábios bizantinos os tomaram como clássicos que deviam ser não só estudados, como também imitados.

VI. Não só através de Aécio se pode retroceder até as origens da doxografia. Outras fontes, observando outras diretrizes metodológicas, permitem a reconstrução do pensamento antigo também pela influência, direta ou indireta, de Teofrasto. As obras que se seguem, de um modo ou de outro, aquiram suas informações históricas sobre o pensamento grego de epítomes, biográficas ou “sucessivas”, que se derivam próxima ou remotamente dos *Dóxai* de Teofrasto. Elas são, portanto, de grande importância doxográfica para a reconstrução do pensamento antigo.

O mais importante representante do que acabamos de dizer é São Hipólito (c.170 - c. 236), presbítero romano, cujo Livro I de sua *Refutação de Todas as Heresias* encerra importante material doxográfico¹⁰. Este foi por muito tempo conhecido como o *Philosophoúmena* de Orígenes, mas no século passado mostrou-se a improcedência de tal afirmação. Hipólito tomou como fonte histórica uma boa epítome de Teofrasto, em que os temas e assuntos já se encontravam organizados em torno dos nomes dos diversos filósofos. Mas o autor desses *Philosophoúmena* também se utilizou de uma epítome biográfica de valor discutível. De fato, as fontes utilizadas para a exposição de Tales, Pitágoras, Heráclito e Empédocles são ensaios biográficos, inequivocamente inferiores, crivados de afirmações duvidosas e falsas anedotas.

⁹ A *História Filosófica* de Ps.-Galeno é de difícil datação, mas pode-se conjecturar que tenha sido escrita em torno de 500 D.C. Ela encerra informações, ao que tudo indica, estranhas aos *Placita* - como, por exemplo, suas alusões à lógica - e de forma resumida dá um apanhado das escolas filosóficas. Por tal razão, pode-se dizer que seu autor se utilizou, além da obra de Ps.-Plutarco, de um manual estóico escrito, provavelmente, em torno do ano cem de nossa era. O texto grego que nos chegou da *História Filosófica* de Ps.-Galeno encontra-se publicado em H. Diels, *Dox.* p. 595-648.

¹⁰ Nesta obra, Hipólito se propõe a mostrar como as heresias se originaram dos sistemas filosóficos gregos. Daí suas frequentes citações e transcrições de passagens de antigos filósofos gregos, muitas das quais, hoje, só são conhecidas por seu intermédio.

Outra obra que também se utilizou de uma epítome da obra de Teofrasto é a *Preparação Evangélica* de Eusébio de Cesarea (c. 260 - 340), cuja relevância para os estudos doxográficos está no fato de ela encerrar fragmentos dos *Stromata* de Ps.-Plutarco. Estes provêm de uma fonte similar, as melhores passagens dos *Philosophouména*. Distinguem-se sobretudo quanto aos dois seguintes tópicos. De início, a linguagem é bem menos fidedigna do que aquela que se encontra nos originais. Em segundo lugar, o fato de tratarem sobretudo da substância primeira, dos corpos celestes e da terra mostra que foram tomadas das partes mais antigas da obra.

No período patrístico, encontramos alguns nomes que também se valeram de fontes que remontam à doxografia de Teofrasto. Destacamos sobretudo Eusébio (*Prep. Ev.*, X, XIV, XV), Teodoreto (*Gr. Aff. Cur.*, II, 9-11), Ireneu (*Contra Haer.*, II, 14), Arnóbio (*Adv. Nat.*, II, 19) e Agostinho (*Civ. Dei*. VIII, 2).

O que se depreende do que foi dito acima é que um grande número de epítomes foram escritas em distintos momentos e por diferentes autores. Dada a insuficiência de nossa documentação, é impossível fixar a data, o local, o número, a natureza e o valor histórico dessas obras. Mas parece certo que as melhores e mais confiáveis epítomes são aquelas que se derivam diretamente do livro de Teofrasto. Parece certo também que à medida que o tempo passa e essas epítomes vão se afastando cada vez mais dessa fonte, passando a se documentar em cópias de cópias, seu valor histórico declina de modo acentuado.

VII. Entre os gregos, a história da filosofia segue duas tradições metodológicas distintas. A primeira, consiste em isolar e fixar temas ou assuntos e a seguir enumerar, de forma minuciosa, as contribuições apresentadas pelos diversos autores que a seu respeito se manifestaram. Este método de fazer-se história da filosofia se inaugura, como dissemos, com Teofrasto em seu livro *Das Opiniões dos Físicos*.

Os gregos, porém, desenvolveram uma segunda maneira de registrar a história das idéias. De acordo com este outro método, o que importa não é fixar assuntos ou problemas, mas correlacionar as doutrinas filosóficas a escolas e, conseqüentemente, a indivíduos. Neste sentido, toma-se como fio condutor não mais um assunto, mas a figura de um filósofo a que se associa sua biografia, e a seguir listam-se todas as suas opiniões. Isto enseja a aparição de duas novas formas de doxografia: a “sucessiva” ou por escolas e a biográfica ou por nomes.

A primeira tradição historiográfica, ao que se diz, teria sido criada por Sotíon de Alexandria, um filósofo peripatético que viveu depois de Crisipo e antes de Heráclide Lembos. Sendo assim, é possível localizá-lo no começo do segundo século A.C. Sotíon foi autor de uma *Sucessão dos Filósofos* (*Diadoche ton philosophon*), onde as opiniões dos filósofos que o precedem são organizadas segundo a escola a que pertencem (D.L., II, 12). Este livro serviu de base para todas as demais obras sobre história das escolas. Com efeito, embora a *Sucessão* de Sotíon encerre material de interesse biográfico, este livro procura basicamente traçar o desenvolvimento das escolas filosóficas dominantes em sua época. Segundo ele, essas escolas seguiram duas linhas paralelas de evolução: uma *iônica*, que vai de Tales até a Média Academia e Crisipo; e outra, *itálica*, que tem em Pitágoras sua origem e passando pelos eleatas, atomistas, sofistas e céticos chega a Epicuro. Mas, na tentativa de estabelecer os vínculos intelectuais entre os representantes das diversas escolas, Sotíon não infreqüentemente força as relações de dependência entre esses representantes. Isto faz com que sua obra perca parte de seu interesse histórico.

O plano ou sumário de sua *Sucessão*, hoje perdida, foi reconstruído e assim podemos dizer que essa obra era originalmente constituída de treze livros assim dispostos (cf. Diels, *Dox.*, p. 147):

1. Tales, os Sete Sábios, os “Físicos”.
2. Sócrates, Arístipo.
3. Socráticos.
4. Platão.
5. Acadêmicos.
6. Aristóteles e seus discípulos.
7. Cínicos.
8. Estóicos.
9. Pitágoras.
10. Eleatas, Demócrito.
11. Pirrônicos.
12. Epicuro.
13. Bárbaros [=filósofos não-gregos].

Salvo pequenas modificações ou alterações, este plano se mantém por muitos séculos em todas as obras que dependem proximamente da *Sucessão* de Sotíon.

Tomando por base a *Sucessão dos Filósofos* de Sotíon é escrito um grande número de “sucessões” ou “diadoquias” que narram, com freqüência de maneira simplificada, deturpada e caricatural, a história das escolas e dos filósofos, tendo por fundamento a relação de mestre e discípulo. Da produção de todos esses doxógrafos praticamente nada chegou até nós - nem de suas vidas, nem de suas obras - mas sabemos que seu número não era pequeno. Entre esses autores destacamos Heráclide Lembos que resumiu, nos meados do segundo século, a *Sucessão* de Sotíon e que será mais tarde utilizada por Diógenes Laércio conjuntamente com outras diadoquias deste e do século a seguir. De fato, as *Vidas dos Filósofos Ilustres* de Diógenes Laércio - escrita aproximadamente quinhentos anos após a *Sucessão* de Sotíon - faz referência a mais de duzentos e cinquenta autores. Pode-se, aliás, dizer que as *Vidas* é o resíduo de toda a literatura de *Sucessões* desenvolvida entre Sotíon e o próprio Diógenes Laércio.

VIII. A biografia doxográfica remonta à primeira geração de discípulos de Aristóteles que escreveram sobre as vidas dos grandes homens do passado. Ao que parece, o criador desse gênero historiográfico foi o paripatético Dicáiarcos de Messênia (fl. em torno de 326-296 A.C.), um erudito grego, dotado de um autêntico espírito científico e de amplos interesses culturais que passam pela filosofia, ciência política, geografia, história literária e biografia. Discípulo de Aristóteles e contemporâneo de Teofrasto, exerceu notada influência sobre Eratóstenes, Cícero, Josefo e Plutarco, entre outros. Seus escritos se extraviaram e dele tudo que chegou ao nosso conhecimento são fragmentos, aliás, numerosos, conservados por citações de obras posteriores.

Esta vertente doxográfica inaugurada por Dicáiarcos foi seguida por Camailêon e posteriormente pelo filósofo peripatético Aríston de Céos que escreveu uma vida dos filósofos. Também entre acadêmicos e estóicos houve quem cultivasse a biografia. Mas a seu respeito sabemos muito pouco. Tampouco sabemos muito de biógrafos anteriores, como Neantes de Cízico, Heráclide Lembos, Sosícrates etc.

Em torno do terceiro século A.C., Lobon de Argos escreveu uma *Vida dos Poetas* que foi utilizada por Hermipo de Esmirna (fl. no final do III século A.C.), autor de uma grande compilação de biografias. Com Hermipo surge uma nova forma, um novo estilo de redigir tais biografias. Em contraste com os severos e rígidos princípios aristotélicos,

Hermipo introduz a biografia livre e romanceada em que os fatos cedem lugar à imaginação, onde nunca faltam anedotas mais ou menos escandalosas, em que se devassa de maneira acintosa a vida íntima de seus personagens e, finalmente, onde se atribui um fim mais ou menos extravagante à maior parte dos biografados. Nesta linha historiográfica é que se insere Diócles de Magnésia que escreveu uma *Vida dos Filósofos* e uma *História Cursiva* dos filósofos tão freqüentemente citadas.

Cumprir dizer porém que o exemplo mais conhecido deste tipo de literatura é, sem dúvida, o das *Vidas* de Diógenes Laércio. Diógenes Laércio é um historiador cuja importância está em ter escrito uma obra que constitui uma das mais importantes fontes para o estudo do pensamento antigo. De seu nome, vida, origem e formação nada se sabe, exceto que deve ter vivido na primeira metade do terceiro século D.C. O livro que a ele devemos e que nos chegou praticamente completo é geralmente chamado de *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, mas há quem o intitule de modo mais descritivo de *Vidas, Doutrinas e Sentenças dos Filósofos Ilustres de cada Seita*. Nele, as opiniões são compiladas em função dos autores, que têm suas vidas descritas da maneira que acima nos reportamos. Com efeito, ele emprega sistematicamente anedotas com o objetivo de descrever ou caracterizar os distintos aspectos do caráter ou do pensamento dos filósofos por ele examinados. Em grandes linhas Diógenes segue, em seu livro, o sistema biográfico. Neste sentido, as *Vidas* encontram-se divididas em dez livros ou capítulos e se estendem de Tales de Mileto até Epicuro. Cada capítulo é precedido de uma introdução ou próêmio e se destina ao estudo de uma seita¹¹. De início, Diógenes discorre sobre alguns “filósofos” não-gregos (isto é, os magos) e sobre os antigos sábios gregos. Ele divide, a seguir, os filósofos propriamente ditos em duas vertentes: uma, iônica (ou oriental) - Livros I, 22-VII - e outra itálica (ou ocidental) - Livro VIII - e finda com o estudo dos “esporádicos” que não se deixam enquadrar em nenhuma dessas vertentes (Livros IX-X). As *Vidas* de Diógenes Laércio apresentam o seguinte plano:

1. Sete Sábios.
2. Os primeiros filósofos; Sócrates e seus discípulos.
3. Platão.
4. Academia.

¹¹Uma seita pode ser uma escola filosófica (i. é, um mestre e seus discípulos imediatos), ou o conjunto de filósofos que nos sucessivos períodos de tempo continuaram o ensinamento estabelecido por um mestre, ou ainda o conjunto dos homens que dirigiram uma escola filosófica, isto é, os “heresiarcas”. A palavra ‘seita’, com a acepção acima, caiu na atualidade em total desuso. Hoje, em seu lugar, preferem-se as palavras ‘escola’ (v. g., ‘escola megárica’), ‘corrente’ (v. g., ‘corrente espiritualista’) ou ‘círculo’ (v. g., ‘círculo de Viena).

5. Aristóteles e seus discípulos.
6. Cínicos.
7. Estóicos.
8. Pitágoras e sua escola.
9. Heráclito, Xenofanes, os eleatas, Leucipo e Demócrito, Protágoras, Diógenes de Apolônia, Anáxarcos, os cétricos.
10. Epicuro e os epicuristas.

Diógenes é sobretudo um compilador incansável de um vasto repertório biográfico e doutrinário, hoje quase todo desaparecido. Os autores de que se serve são: Antígono de Caristos, Alexandre Polihistor, Heráclide Lembos, Hermípo, Sotíon, Apolodoro de Atenas, Sosícrates de Rodes, Demétrio, Diócles de Magnésia, Pânfilo, Favorino e outros menos citados. Assim, Diógenes só raramente se vale das obras originais ou da literatura primária relativa a um autor. Em suas reconstruções históricas ele se utiliza de uns duzentos autores e de umas trezentas obras.¹²

¹²Muita informação doxográfica e biográfica importante é encontrada nos dicionários e enciclopédias escritos na antiguidade. O primeiro dicionário grego conhecido foi, ao que parece, o de Aristófanes de Bizâncio (c. 257 - 180 A.C.), que sucedeu Eratóstenes na direção da biblioteca de Alexandria (c. 194 A.C.). Foi um erudito renomado por seu vasto conhecimento de gramática, crítica literária e lexicografia. Neste último domínio, cabe mencionar seu *Léxeis* (ou *Glossai*), que possivelmente consistia de uma coleção de estudos monográficos classificados segundo o assunto ou o dialeto. Também Pânfilo de Alexandria (século I D.C.), notável erudito e lexicógrafo que escreveu um grande dicionário em noventa e cinco livros intitulado *Peri Glosson etoi Léxeon* em que assimilou grande parte do que fora anteriormente produzido. Infelizmente, a respeito dessas duas obras, quase nada nos chegou. Mas parece certo que essa forma literária cresceu e se difundiu ao longo do segundo século de nossa era.

Bem mais tarde, foram escritos, contendo muito material importante, três grandes léxicos que se tornaram conhecidos pela posteridade através dos nomes de seus autores. Refiro-me aos dicionários de Hesíquio, Suídas e Fócio. Desnecessário é dizer que a seu respeito – data de redação, local em que foram escritos, fontes históricas utilizadas etc. – muito pouco se sabe.

De Hesíquio de Alexandria sabemos que foi um gramático que floresceu provavelmente no quinto século de nossa era. A ele devemos um dicionário grego cuja importância reside nas explicações aduzidas para o significado de palavras e construções peculiares de autores e dialetos gregos. Sua importância para nós advém do fato de muitas de suas explicações implicarem desenvolvimentos sobre importantes fatos da vida social e religiosa dos gregos. Segundo o que ele próprio nos diz, seu dicionário tem por base o léxico de Diogeniano, que por seu turno tem o dicionário de Pânfilo como fundamento. Mas parece também provável que ele tenha ainda se utilizado de obras similares de Aristarco, Apion, Heliodoro e outros mais. Finalmente, importa dizer que do léxico de Hesíquio só conhecemos uma versão abreviada que nos chegou através de um único manuscrito.

Sobre o grande dicionário ou enciclopédia (já que tem esse duplo aspecto) de Suídas (ou Suda, como alguns autores atuais preferem) não sabemos sequer se é uma obra individual ou coletiva, embora no prefácio seja dito ‘por Suídas’. (Mas há quem diga que ‘Suídas’ é o nome do léxico e não daquele que o redigiu, já que esta palavra significa “fortaleza” ou “forte”). Quanto à data em que foi escrito, parece que remontaria ao final do século dez de nossa era. Ele foi redigido segundo uma ordenação alfabética,

embora por vezes apresente pequenos desvios desta disposição. O aspecto enciclopédico desta obra a leva a considerar tanto temas bíblicos quanto pagãos. Por outro lado, a crítica interna sugere não só a influência do léxico de Hesíquio, como também dos comentadores e escoliastas de Aristófanes, Homero, Sófocles e Tucídides, freqüentemente utilizados e hoje desconhecidos. Suídas inclui em seu dicionário numerosas citações de diversos autores antigos – tanto cristãos quanto pagãos – embora ele próprio seja de orientação cristã. Finalmente, uma avaliação geral da obra mostra que ela encerra muitos verbetes, de grande interesse, sobre a sociedade, a história e a literatura antigas. Mas, trata-se sem dúvida de uma obra pouco crítica, de valor muito desigual e que foi também muito interpolada por seus leitores e copistas.

Fócio, patriarca de Constantinopla e erudito bizantino, viveu no século nono e escreveu extensamente sobre teologia, ciência, história e filosofia. Uma de suas primeiras obras foi o *Léxico* que teve como fonte Hélio Dionísio, Pausânias, Diogeniano e outros mais.